

**NOVAS INSCRIÇÕES DA MURALHA DE *CONIMBRIGA*  
(PROV. LUSITANIA, PORTUGAL)**

**NEW INSCRIPTIONS FROM THE WALLS OF *CONIMBRIGA*  
(PROV. LUSITANIA, PORTUGAL)**

**JOSÉ RUIVO**

joseruivo@mmconimbriga.dgpc.pt  
Museu Nacional de Conimbriga  
<https://orcid.org/0000-0002-7093-7494>

**VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA**

virgiliocorreia@mmconimbriga.dgpc.pt  
Museu Nacional de Conimbriga  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC  
<https://orcid.org/0000-0003-4051-7111>

**PEDRO ROQUINHO**

pedro@prarqueologia.net  
Pedro Roquinho, serviços de arqueologia Lda.

Texto recebido em / Text submitted on: 27/07/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 03/10/2023

**Resumo**

Apresenta-se um conjunto de achados, epigráficos e outros, recuperados da muralha baixo-imperial de *Conimbriga* no âmbito de uma operação de conservação e restauro que decorreu em 2020 e 2021. São especialmente notáveis os dois exemplos de epígrafes funerárias, bem como um fragmento de inscrição monumental,

provavelmente mencionando Nero. Estes achados são discutidos no contexto da reutilização de materiais provenientes da necrópole da cidade, bem como de outros monumentos então demolidos, como material de construção na defesa tardo-antiga.

**Palavras-chave:** Muralha, monumentos funerários, *spolia*.

### **Abstract**

A group of finds, epigraphic and others, recovered from the late-imperial wall of *Conimbriga* in a conservation and restoration operation that took place in 2020 and 2021, is presented. Especially remarkable are two examples of funerary epigraphs, as well as a fragment of a monumental inscription, probably mentioning Nero. These finds are discussed in the context of the reuse of materials from the city's necropolis, as well as from other monuments demolished at that time, as construction material in the late antique defence.

**Keywords:** Walls, funerary monuments, *spolia*.

## **Introdução**

Em 2020 a Direção Geral do Património Cultural promoveu em *Conimbriga* uma intervenção de conservação e restauro dos setores da muralha baixo-imperial que são mais centrais na área de visita das Ruínas da cidade romana. O acompanhamento arqueológico dessa intervenção foi conduzido por um dos presentes autores (PR) com a colaboração de outro (VHC), no quadro da atividade do Museu Monográfico de Conimbriga-Museu Nacional, então dirigido pelo primeiro (JR).

Entre outros aspetos de relevo, alguns dos quais já publicados<sup>1</sup>, a intervenção localizou e permitiu recuperar inscrições e elementos arquitetónicos que são relevantes por direito próprio e pela contribuição que dão à questão dos *spolia* em monumentos tardo-antigos.

## **1. Metodologia**

Em toda a empreitada de conservação e restauro, foi garantido o acompanhamento arqueológico permanente e presencial dos trabalhos com afetação do edificado e no subsolo, tendo o restauro da muralha sido subdividido em três tramos, designados por Setor A, B e C.

---

<sup>1</sup> Roquinho e Correia 2021.



Fig. 1 – Vista geral dos setores intervencionados (Foto P. Roquinho: Roquinho e Correia 2023, anex. 1).

O cronograma da intervenção foi semelhante em todos eles, utilizando-se a seguinte metodologia: i) levantamento topográfico (ETRS89); ii) registo fotogramétrico de planta e alçados do estado da muralha antes da obra; iii) limpeza de terras, desmatação e remoção de elementos espúrios em toda estrutura; iv) novo registo fotogramétrico em planta após esses trabalhos (os alçados estavam cobertos pelos andaimes, pelo que não foi possível realizar este tipo de levantamento após as limpezas); v) consolidação de lacunas existentes, refechamento de juntas, capeamento dos topos e, em casos pontuais, desmonte de partes das estruturas em risco de colapso; vi) registo fotogramétrico final.

Durante esses trabalhos foi ainda efetuado o registo fotográfico de pormenor dos aspetos que se julgaram mais relevantes. As terras e demais detritos foram removidos manualmente, com recurso a ferramentas adequadas, e transportadas para um espaço a Sul do Setor A da muralha, dentro do complexo arqueológico e posteriormente removido. O espólio encontrado que se julgou relevante foi recolhido, contextualizado, lavado e inventariado, encontrando-se em depósito no Museu Monográfico de Conimbriga.

Para a leitura estratigráfica das estruturas intervencionadas, foi utilizado o modelo de A. Azkarate<sup>2</sup> e as fichas analíticas estratigráficas de Caballero Zoreda<sup>3</sup>, que obedeceram aos seguintes critérios: i) levantamento topográfico (ETRS89) e gráfico assistido por computador (CAD) de planta e alçados, que serviu de base para o processamento dos registos fotogramétricos, gerados a partir de mosaico de imagens captadas com recurso a aeronave não tripulada (drone) guiada por GPS; ii) leitura técnica, formal e metrológica das estruturas, na qual foram analisados os aspetos técnico-construtivos, como materiais de construção, aparelhos, argamassas, estilos e soluções arquitetónicas; iii) preenchimentos das fichas analíticas estratigráficas; iv) criação de grupos estratigráficos (*clusters* construtivos), tendo por base a combinação tridimensional das variáveis construtivas semelhantes; v) análise de interfaces, com sobreposição dos diferentes *clusters* construtivos e verificação de principais fases de obra; vi) determinação de sequências, através do estabelecimento de contemporaneidade de determinados aspetos, identificação de elementos anacrónicos e de diferentes trabalhos que terão ocorrido em simultâneo; vii) criação de Matriz de Harris<sup>4</sup> do conjunto edificado; viii) mapeamento sobre os levantamentos realizados dos dados apurados.

O relatório técnico pormenorizado de todos os trabalhos está neste momento acessível no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, na coleção do Museu Monográfico de Conimbriga<sup>5</sup>.

Quanto aos achados em concreto, identificaram-se no Setor A — aquele compreendido entre a porta principal, a norte, e a encosta do Rio dos Mouros, a sul, cuja construção implicou a demolição das casas da cruz suástica e dos esqueletos e das termas da muralha — quatro elementos arquitetónicos e três epígrafes. Estas compreendem um fragmento de inscrição monumental, parte substancial de uma estela funerária e uma ara funerária completa, que aqui se publicam. Dos elementos arquitetónicos, dois são coroamentos de monumentos (que se presumem também de finalidade funerária) e os outros dois são elementos decorativos de uma mesma peça decorada em relevo, uma pilastra que talvez tenha enquadrado uma placa, presumivelmente epigrafada, mas não necessariamente funerária. Verificou-se que estes dois

---

<sup>2</sup> Azkarate 2009: 51-63.

<sup>3</sup> Caballero Zoreda 2010: 110.

<sup>4</sup> Harris 1989.

<sup>5</sup> Roquinho e Correia 2023.

últimos elementos pertencem a um mesmo elemento arquitetónico de que outro tinha sido recuperado nas Escavações Antigas, sendo natural que também proviesse da muralha (não foram conservadas informações sobre as condições do achado).

O fragmento de inscrição monumental 2021.RMTC.A.ep.1 encontrava-se imediatamente abaixo da camada de terra que cobria o topo da muralha, pelo que a sua retirada não apresentou grande dificuldade.



Fig. 2 – O fragmento de inscrição monumental, no momento da sua identificação (Foto P. Roquinho: Roquinho e Correia 2023, img. 93).

Próximo desse achado, mas parcialmente embrechado no alçado, identificou-se aquilo que inequivocamente era outra epígrafe, 2021.RMTC.A.ep.2. Pese ser facilmente visível, a sua remoção pressupôs o desmonte, desde o topo da muralha, de alguma pedras que lhe estavam sobrepostas, pois prolongava-se consideravelmente para o interior do núcleo. Desse processo, não foi encontrado espólio associado ou qualquer outro aspeto relevante.



Fig. 3 – A inscrição funerária, no momento da sua identificação (Foto P. Roquinho: Roquinho e Correia 2023, img. 95).

No extremo Sul da muralha, junto à base, era já conhecida e existência de elementos escultóricos embrechados no aparelho, alguns deles de grandes dimensões. Pela sua aparente relevância arqueológica, foi discutida a possibilidade de os retirar durante a empreitada. Contudo, por se anteverem trabalhos significativos de desmonte do núcleo do muro para o fazer, que depois teriam de ser colmatados, optou-se, apenas, por retirar os que se encontravam mais à face. O processo, tal como nos locais anteriormente descritos, passou pela remoção manual, com auxílio mecânico ligeiro, dos elementos em seu redor, para permitir a extração sem os danificar. Desse processo, também não se recolheu espólio ou se observaram quaisquer aspetos relevantes. Resultaram, igualmente, de um reaproveitamento de elementos epigráficos e escultóricos durante a construção da muralha.



Fig. 4 – Um coroamento de monumento funerário, no momento da sua libertação da construção envolvente. A pedra quadrangular na fiada inferior à esquerda veio a revelar-se como uma ara funerária, de que só a base era visível (Foto J. Ruivo©Arquivo MMC-MN/DGPC).

Neste caso, por serem de maiores dimensões, terão sido depositados junto à base. Destaca-se a ara funerária dedicada a *Urtienicus Primigenius* 2021.RMTC.A.ep.3, um magnífico monumento que irá enriquecer de forma muito significativa a coleção do Museu de Conimbriga.



Fig. 5 – A ara funerária, no momento da sua libertação da construção envolvente (Foto J. Ruivo©Arquivo MMC-MN/DGPC).

Registe-se que é possível afirmar sem sombra de dúvida, em função da análise estratigráfica levada a cabo segundo a metodologia descrita, que estes vários elementos integraram a construção da muralha no seu primeiro e mais importante momento, não estando associados a reparações ou intervenções posteriores.

## 2. Importância dos achados

Estes achados vêm trazer dados novos, observados e registados sob metodologias modernas (à data de hoje) para a discussão da questão que é levantada por afirmações recorrentes, mas sem registo objetivo da evidência, de Vergílio Correia, que dirigiu as intervenções da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais de 1930 a 1944<sup>6</sup>.

A primeira afirmação neste sentido é de 1935: “A construção, na qual foram incorporados inúmeros monumentos sepulcrais pagãos – o que revela que dominavam já politicamente os cristãos –, pode atribuir-se à época em que impendiam sobre o Império as primeiras ameaças dos bárbaros, porventura ainda no séc. IV, ou mesmo já durante o séc. V.”<sup>7</sup>.

Em 1941 refere-se à muralha da seguinte forma: “En su apresurada construcción fueron incorporados lo sagrado y lo profano: aras votivas, estatuas, inscripciones funerarias...”<sup>8</sup>.

E em 1948, no texto não assinado publicado pela DGEMN, que é da sua autoria, caracteriza-se a construção da muralha escrevendo-se: “escasseando afinal os materiais de construção em volta da cidade, e não sendo possível, por falta de tempo, fazê-los transportar de mais longe, se demoliram impiedosamente monumentos e outras edificações desnecessárias à vida comum da população, mausoléus e até alguns templos [...] em todas [as fortificações] se descobriram, indiscriminadamente aproveitadas, muitas cantarias de vulto [...] e até estátuas de pedra e de bronze, grossas lajes com inscrições funerárias, etc.”<sup>9</sup>.

O problema é que, as mencionadas “estátuas de bronze” só podem atribuir-se a um arroubo estilístico que um texto póstumo, não revisto na

---

<sup>6</sup> Correia 1935: 5; id. 1941: 262-263.

<sup>7</sup> Correia 1935: 4.

<sup>8</sup> Correia 1941: 262.

<sup>9</sup> DGEMN 1948: 9.

sua forma final, incluiu sem referência a qualquer dado concreto de terreno que se possa hoje identificar.

Um problema subsidiário é o de que, entre a dezena e meia de inscrições recolhidas nessa época<sup>10</sup>, só uma foi registada em inventário como proveniente da muralha<sup>11</sup>, que cita o anterior quanto ao reuso de materiais e ao seu contexto histórico. Esta inscrição soma-se a outra<sup>12</sup>, hoje perdida, que se diz proveniente “das ruínas das antigas muralhas”, mas a própria antiguidade do achado (antes de 1609) contribui para a dificuldade da interpretação – literal? poética? – dessa indicação.

Quanto a esculturas, há três peças nas mesmas condições<sup>13</sup>.

A arquitetura está mais bem documentada, nomeadamente por elementos que se conservaram *in situ*<sup>14</sup>, mas não há um inventário sistemático das evidências e, como é óbvio, a própria extensão da muralha e a sua relativa inacessibilidade em muitos pontos torna difícil qualquer apreciação.

O que se deve todavia registar é que a recuperação de elementos significativos integrados nas partes das fortificações baixo-imperiais que tiveram de ser demolidas era suficientemente importante para ser considerada um elemento individualizado dos trabalhos levados a cabo (ainda que apenas sumariamente referidos, e sem qualquer informação específica, concreta, sobre as peças<sup>15</sup>). Por outro lado, houve na mesma época de trabalhos alguma atenção dada à recolha de epígrafes nos edifícios escavados (caso notável: o da Casa dos repuxos).

Pode considerar-se, talvez, um exercício sem valor científico pensar quantas das inscrições recolhidas nessa época provêm realmente da muralha, devendo restar apenas a primeira observação do diretor dos trabalhos: “inúmeras”; mas talvez não seja completamente despropositado indagar mais aprofundadamente esta situação.

O grande elemento das muralhas baixo-imperiais de *Conimbriga* que foi demolido na operação da DGMEN foi o torreão que ocupava o ângulo sudeste, entre a muralha e a encosta do Rio dos Mouros, situado sobre o *frigidarium* das termas da muralha. Reconhecidamente (hoje) as termas foram construídas sobre uma cavidade cárstica do planalto de *Conimbriga*,

---

<sup>10</sup> *Fouilles* II, n.ºs 26, 35, 37-38, 40, 47, 50, 60, 64, 69, 76, 78-80 e 82 e Correia 2019.

<sup>11</sup> Piel 1947 = *Fouilles* II 26

<sup>12</sup> *Fouilles* II 25.

<sup>13</sup> Souza 1989, 18 n.º 28 (fauno), 24 n.º 46 (leão) e fragmentos de outro idêntico.

<sup>14</sup> Oleiro 1992, 15; Reis 2014, I 125-126.

<sup>15</sup> DGEMN 1948, 31-32 §X.

apenas parcialmente acessível desde a encosta, e o seu abatimento provocou fortes desníveis que muito dificultam a compreensão e reconstituição das suas estruturas. É bem provável que esse mesmo acidente tenha colocado o torreão em situação de instabilidade, obrigando à sua demolição. Sabemos, por informação vertida no inventário do Museu, que as peças de escultura recolhidas “na muralha” daí provêm.

A outra grande intervenção da DGEMN teve lugar no agora designado setor B das muralhas, entre as portas principais, onde a documentação fotográfica antiga dá conta de grandes perturbações da estrutura e onde os restauros foram muito significativos<sup>16</sup>, certamente acarretando importantes trabalhos de saneamento da estrutura conservada, de forma a colocá-la em situação de suportar o restauro.

Olhando agora a situação, com a informação dos achados feitos na intervenção do setor A, não se afigura improvável que da demolição do torreão, da profunda intervenção do setor B e de eventuais outras intervenções, se tivessem recolhido a dezena e meia de inscrições que antes se mencionaram. Acresce outro elemento, que é um juízo de plausibilidade: se essas inscrições não foram recolhidas na muralha, de onde provêm? Será plausível assumir que tantas inscrições estivessem dispersas pela zona das Ruínas, frequentemente visitadas, alvo de interesse de todos os antiquários e arqueólogos do país, e nunca tivessem sido referenciadas? Para além do que as próprias inscrições, ainda que fragmentárias, sobretudo não mostram sinais de longa exposição aos elementos; não é clara a presença de fungos, líquenes ou, no geral, de erosão. Mas, obviamente, a questão tem de ficar em aberto.

Sobre este panorama de escassa e incerta informação, A. De Man elaborou um raciocínio que, em contraste com as afirmações de V. Correia, talvez peque por hipercrítico<sup>17</sup>.

Conimbriga desempenha nesse raciocínio um papel determinante, pois, não tendo uma fortificação medieval significativa, a questão dos *spolia* integrados na muralha é determinante, sem mais perturbações, para a caracterização do problema no período tardo-romano.

O autor conclui por desvalorizar a presença dos elementos reaproveitados, mencionando explicitamente apenas uma das peças escultóricas e recorrendo a um argumento que se deve considerar pouco sólido: o da

---

<sup>16</sup> DGEMN 1948, fig.s 29-30.

<sup>17</sup> De Man 2011: 92-97.

importância relativa ou percentual dos elementos reaproveitados no volume total de construção<sup>18</sup>.

Por outro lado, este assunto da reutilização de monumentos funerários em muralhas tardo-antigas é referido em vários casos, nomeadamente lusitanos, como Mérida<sup>19</sup>, Évora<sup>20</sup>, Lisboa<sup>21</sup> ou Idanha-a-Velha<sup>22</sup>. A generalização lusitana da situação é uma realidade que deveria suscitar alguma discussão e comparação com a situação de outras províncias, o que todavia ultrapassa o âmbito da presente apresentação de achados.

O dossiê que agora se apresenta reforça, de forma clara, as afirmações que Vergílio Correia proferiu em 1935, sem apresentação das evidências de suporte. Não só as inscrições, mas outros elementos constituintes de monumentos funerários, como os coroamentos de monumentos funerários, mostram bem o recurso, que já se poderá designar de sistemático, a partes constituintes da arquitetura da necrópole como material de construção da muralha (o que permite, aliás, enquadrar adequadamente peças conservadas em reserva no Museu sem qualquer registo especial [cf. infra 3.2]).



Fig. 6 – Negativo de uma base de monumento deixado na muralha (setor A, junto à Casa dos esqueletos; vd. 3.2, s/ref. s/inv. B) quando do seu desmonte pela DGEMN (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

<sup>18</sup> loc. cit.: 95-96.

<sup>19</sup> Mateos e Pizzo 2020.

<sup>20</sup> Vieira 2020

<sup>21</sup> Leitão et al. 2020.

<sup>22</sup> Sánchez e Morín de Pablos 2020; Redentor et al. 2022.

Ora, este reuso, e muito concretamente o do epitáfio de Prisca, consagrado *Diis Manibus* é, insofismavelmente, um *sacrilegium*; como tal era classificado o ato, uma geração apenas antes da construção da muralha de Conimbriga, por um rescrito de Gordiano recolhido no *Codex Justiniani* 9,19,1<sup>23</sup>, na sequência de provisões com idêntico fundamento já na lei municipal de Tarento 8,1-4<sup>24</sup>. Isto deve ser tido em devida conta, mesmo que algumas peças recolhidas, a que se pode atribuir papel meramente decorativo, não estivessem talvez incluídas no mesmo interdito<sup>25</sup>.

### 3 Catálogo de materiais

#### 3.1 Epigrafia

##### 2021.RTMC.A.ep1 – Fragmento de inscrição monumental.



Fig. 7 – Fragmento de inscrição monumental (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

<sup>23</sup> ed. Krueger 1877; cf. DAGR 4-2, 981, s.v.

<sup>24</sup> ILS II 6086.

<sup>25</sup> Cels. ap. Ulp. 18 ad Ed. Dig. 47,12,2 apud DAGR loc. cit.

Fragmento de placa honorífica em calcário do Dogger, na qual é unicamente possível ler parte de uma das linhas. Face polida com inscrição; face oposta irregular, com vestígios de argamassa aderente. Escrita monumental quadrada.

Dimensões: 320 x 250 x 130mm

Leitura:

[... N]ERON[I ...]

(...) a Nero (...)

Alt. das letras: 72mm; Espaços entre letras: 30 mm; Espaços interlineares: ?

### Comentário

Trata-se de uma inscrição dedicada, com bastante probabilidade, a Nero<sup>26</sup>. Declarado inimigo do estado pelo Senado, o Imperador foi sujeito a uma *damnatio memoriae* que se seguiu ao seu suicídio a 9 de junho de 68 d.C. e que poderá estar na origem dos escassos testemunhos epigráficos e, sobretudo, iconográficos<sup>27</sup> que chegaram até nós na Hispânia<sup>28</sup>.

Na Lusitânia passamos a contar com quatro testemunhos: para além da inscrição de Conimbriga, vamos encontrá-lo documentado no teatro romano de *Olisippo*<sup>29</sup>, numa epígrafe da ermida de Nuestra Señora de las Vacas, Ávila<sup>30</sup> e numa outra trazida do castelo de Las Navas del Marqués (Ávila) para o Museo de Arte Romano, em Mérida<sup>31</sup>. Igual número de

---

<sup>26</sup> Poderia colocar-se também a hipótese de o homenageado ser *Nero Claudius Drusus Germanicus*, mais conhecido por Germânico, irmão de Cláudio, pai de Calígula e avô de Nero. Esta possibilidade parece-nos remota, mas não podemos ignorar que na vizinha *Aeminium* se descobriu uma cabeça de estátua de *Agrippina Maior*, esposa de Germânico (Souza 1990 19-20, nº 32; Gonçalves 2007, 84-86, nº 7). Outra hipótese completamente distinta, a de se tratar de parte de um nome grego (como *Chryseron*, *Sympheron*, etc.) não se coaduna com o carácter monumental da inscrição.

<sup>27</sup> Para além de uma cabeça reconvertida em retrato de Vespasiano procedente de Écija (Sevilha) (Blázquez Martínez, 1999 93), há também referência a um retrato de Tarragona (Koppel 2000, 83-84, 91 e Lám. 5-8).

<sup>28</sup> Blázquez Martínez 1999, 89-104

<sup>29</sup> CIL II 183 = ILER 2062.

<sup>30</sup> HEP 7 1997: 21.

<sup>31</sup> Ramírez Sádaba 2003: 55-57, nº 22, Lám. XX.

homenagens foi até agora identificado na Bética, todos na área hispânica, concretamente em Santiponce<sup>32</sup>, Marchena<sup>33</sup> e Utrera<sup>34</sup>. Finalmente, são dois os testemunhos identificados na Tarraconense, descobertos na capital provincial<sup>35</sup> e na área de *Carthago Nova*<sup>36</sup>.

Mais abundantes são os miliários em nome deste imperador, estando documentados pelo menos 20 exemplares nas províncias hispânicas, metade dos quais situados em torno da Vía de la Plata, o que parece atestar uma importante intervenção nesta estrutura viária, nomeadamente com a sinalização geral e exaustiva da mesma<sup>37</sup>.

Não sabemos de ciência certa se os anos do governo de Nero se terão ou não pautado por alguma iniciativa de vulto no urbanismo de Conimbriga. Todavia, já defendemos noutras ocasiões, com base nas ténues evidências arqueológicas de que presentemente dispomos, que a edificação do anfiteatro de Conimbriga datará dos meados do séc. I, talvez do período cláudio-neroniano<sup>38</sup>. A presença deste fragmento de inscrição poderá eventualmente indiciar que a cidade tenha recebido da parte do imperador alguma atenção, traduzida na homenagem que se presente com base no testemunho em apreço. Não deixa de ser curiosa a constatação de que o teatro de *Felicitas Iulia Olisippo*, embora de construção possivelmente augustana, foi remodelado ao tempo de Nero, com o patrocínio do augustal perpétuo, *C. Heius Primus*, que terá custeado o proscénio e a orquestra<sup>39</sup>. É sobejamente conhecido o gosto do último imperador Júlio-Cláudio pelas artes e espetáculos: poeta, cantor, músico, organizador de jogos, celebrações desportivas e artísticas, não seria de todo surpreendente se Nero tivesse incentivado ou simplesmente inspirado algum tipo de programa de promoção ou renovação urbanística voltado para os edifícios de espetáculos.

A este propósito, julgamos que é mais uma vez merecedora de ser trazida à colação a peça monetiforme<sup>40</sup> em chumbo recolhida na basílica

---

<sup>32</sup> CIL II 1113.

<sup>33</sup> CIL II 1281 = ILER 1076.

<sup>34</sup> CIL II 1392 = ILER 1075.

<sup>35</sup> CIL II 6080 = ILER 1074.

<sup>36</sup> CIL II 5930 = ILER 1073.

<sup>37</sup> Puerta Torres 1995, 118-121.

<sup>38</sup> Ruivo, Correia, De Man e Reis 2017 75-95. Não deixa de ser uma curiosa coincidência.

<sup>39</sup> Fernandes 2005: 29-40.

<sup>40</sup> De forma similar à moeda cunhada. Este tipo de objeto tem sido tradicionalmente designado por *tessera*. Trata-se de uma apropriação semanticamente imprecisa, uma vez que se aplica a objetos de formato quadrangular, retangular ou cúbico (Hollard et al. 2015: 27).

do fórum de Conimbriga<sup>41</sup>. Reproduz numa das faces os bustos de Nero e Agripina<sup>42</sup> voltados um de frente para o outro<sup>43</sup>. Na outra face, pode ler-se a inscrição SER, com as letras desenhadas como séries de pontos. Muito se tem discutido sobre a verdadeira funcionalidade deste tipo de objeto. Em finais do séc. XIX, Mikhail Rostovtzeff, num estudo pioneiro, repartiu estas peças em chumbo por 5 grandes grupos: 1) chumbos comerciais e selos<sup>44</sup>; 2) tésseras oficiais<sup>45</sup>; 3) tésseras municipais<sup>46</sup>; 4) tésseras de espetáculos<sup>47</sup>; 5) tésseras de particulares<sup>48</sup>. Na opinião do grande investigador russo as tésseras ditas oficiais distinguir-se-iam das restantes pela efigie ou nome do imperador e teriam servido como sinal de reconhecimento de direitos atribuídos aos seus detentores residentes na *Urbs* que, mediante a sua apresentação, teriam acesso a determinado tipo de liberalidades patrocinadas pelo *princeps*, nomeadamente um donativo de trigo ou de dinheiro. As tésseras municipais mencionavam os colégios e os sodalícios municipais e seriam uma originalidade itálica e as tésseras de espetáculos teriam como fim a distribuição dos lugares destinados à plebe nos espaços lúdicos.

Cerca de quatro décadas volvidas, Denis van Berchen<sup>49</sup> questionou a interpretação de Rostovtzeff, considerando que objetos deste tipo não dariam direito a qualquer privilégio, como o acesso a espetáculos ou as distribuições frumentárias, entre outros motivos porque eram demasiado fáceis de falsificar, propondo a sua utilização maioritariamente como fichas

---

<sup>41</sup> Baptista 2014: 210, nº 375; Ruivo, Correia, De Man e Reis 2017: 92, Fig. 8.

<sup>42</sup> De Agripina recolheram-se também nas escavações do criptopórtico do fórum de Conimbriga dois fragmentos de uma cabeça em mármore branco (*Fouilles de Conimbriga* II 238-239, 2 A-B, Pl. XXXVIII), do Tipo I Nápoles-Parma (Trillmich 1982: 110-111 e 113; Souza 1990: 21, nº 36), datado do período claudiano (Gonçalves 2007, 87-88). Acusada de conspiração, Agripina foi morta em 59 por ordem do filho e muitos dos retratos e inscrições em seu nome foram destruídos ou removidos. No entanto, a sobrevivência de um grande número em Roma e nas províncias sugere que a intenção de destruição das imagens foi de curta duração e de alcance limitado (Varner 2001 68-69).

<sup>43</sup> Em nossa opinião, esta iconografia será inspirada no anverso dos áureos e denários emitidos em Roma possivelmente no último trimestre de 54 d.C., logo no início do reinado do imperador (RIC I 1-3).

<sup>44</sup> Rostovtzeff 1897: 468-493.

<sup>45</sup> Id. 1899: 77-102 e 251-271.

<sup>46</sup> Id. 1898: 271-286 e 457-477.

<sup>47</sup> Id. 1899: 22-32.

<sup>48</sup> Id. *ibid.*: 33-57.

<sup>49</sup> Berchen 1936: 303-305.

de jogo (*calculi*) e fichas de contagem para ábaco<sup>50</sup>. No mesmo sentido se pronunciará posteriormente Catherine Virlouvet<sup>51</sup>. Mais recentemente outros autores têm vindo a admitir a sua utilização com caráter votivo<sup>52</sup>, em iniciativas evergéticas das elites municipais, no comércio local, em edifícios termais, festividades, etc.<sup>53</sup>, facilitando as interações, as trocas e a distribuição de bens e serviços no seio das comunidades<sup>54</sup>.

Julgamos que a peça de Conimbriga se enquadra perfeitamente neste espírito e vemos com bons olhos a possibilidade de recordar uma qualquer iniciativa, talvez de natureza evergética, desenvolvida localmente durante o principado de Nero<sup>55</sup>. Inclusivamente não será completamente descabido supor que o levantamento da dedicatória ao Imperador e a produção e utilização da ficha em chumbo estejam diretamente vinculadas por um mesmo acontecimento, decorrido hipoteticamente logo no início do governo do Imperador, ainda antes da queda em desgraça e posterior assassinato de Agripina.

E pode porventura, neste contexto, adiantar-se uma possível leitura da legenda da tésseira: SER<sup>56</sup> poderá estar por *S(evir) E(quitum) R(omanorum)*, cargo que, por exemplo, foi ocupado por um *L. Titinius Glaucus Lucretianus* que, em 63, depois de uma carreira distinta que terminou como prefeito das Baleares, colocou uma dedicatória a Pompeia e à sua filha Cláudia<sup>57</sup>, e de que um outro ocupante anónimo poderá ter estado envolvido nessa atividade evergética.

---

<sup>50</sup> Op. laud.: 306.

<sup>51</sup> Virlouvet 1988: 141.

<sup>52</sup> cf. Holard et al. 2015: 40-41.

<sup>53</sup> Rowan 2019: 95-110.

<sup>54</sup> Id. 2020.

<sup>55</sup> Curiosamente, tanto Rostovtzeff (1898: 98-102) como van Berchen (1936: 308) fazem referência à abundância de *tesserae* em Roma com a efigie ou o nome de Nero, o mais bem representado de entre todos os imperadores romanos.

<sup>56</sup> A não se tratar da abreviatura de um *tria nomina*, que obviamente seria críptica, ou a ainda menos provável abreviatura, pouco canónica, de um *nomen* como *Servius* ou *Sergius*.

<sup>57</sup> ILS 8902.

**2021.RTMC.A.ep2 – Estela funerária (fragmento).**



Fig. 8 – Fragmento de estela funerária (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

Estela lisa, da qual se conserva apenas a parte superior, com frontão triangular recortado, sem marcações. Esta tipologia de monumento, comum no noroeste da Lusitânia, encontra-se identificada na vizinha *civitas colipponensis*<sup>58</sup>, estando igualmente presente na *civitas igaeditanorum* e nas áreas dominadas pelos centros urbanos de *Ebora* e *Pax Iulia*<sup>59</sup>. Jonathan Edmondson ao estudar as estelas graníticas de *Augusta Emerita* incluiu este tipo de monumento no seu grupo III, sugerindo que poderá ser inspirado

<sup>58</sup> Brandão 1972: 121-123, n° XXIV.

<sup>59</sup> Edmondson 2006: 47-48.

em modelos de Roma e da Itália Central, onde foi produzido com grande frequência no séc. I a.C.<sup>60</sup>.

Dimensões:

Largura: 450mm; altura conservada: 420mm; altura do frontão: 90mm, espessura: 120mm.

Altura das letras:

L. 1: 74-80mm; L. 2: 72-90mm;

Espaços intralineaes:

L. 1-2: 50mm; L.2-3: 30mm.

Inscrição conservada em três linhas. Paginação centrada mas algo irregular, feita de acordo com um eixo de simetria que não foi totalmente bem-sucedido. A altura das letras peca visivelmente por falta de uniformidade. Escrita actuária, possivelmente da primeira metade do século I d.C.

Inscrição:

D(iis) M(anibus) / PRISCA ANN(orum) / XII (duodecim) H(ic) S(ita) E(st)  
S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) / [...]?

Leitura:

Aos Deuses Manes. Aqui jaz Prisca, de doze anos. Que a terra te seja leve. [...]?

## Comentário

Prisca é um cognome antigo, de tipo simples, baseado numa palavra comum do léxico latino, relacionado eventualmente com a ordem/circunstâncias de nascimento, quando dado à primeira filha nascida ou à filha mais velha<sup>61</sup>. Trata-se de um cognome relativamente vulgar: segundo I. Kajanto, Prisca seria o 18º mais utilizado pelas mulheres, enquanto *Priscus*, o seu correspondente masculino, ocuparia a 14ª posição entre os cognomes

<sup>60</sup> Op. laud.: 46-51.

<sup>61</sup> Nuorluoto 2021: 44-46 e 134-135.

mais atribuídos aos homens<sup>62</sup>. A sua utilização já estava documentada em Conimbriga, numa epígrafe que esteve colocada na frontaria da Igreja de Santa Cristina (Condeixa-a-Nova) e hoje infelizmente desaparecida, na qual se dá conta de que *Aurelia Prisca* mandou erguer um cenotáfio ao filho *L. Aurelius Rufus*, inicialmente sepultado em *Emerita*<sup>63</sup>.

No território português da Lusitânia são vários os casos conhecidos de utilização deste cognome<sup>64</sup>, tanto na sua forma feminina como na masculina. A título de exemplo, encontramos-lo usado de forma isolada na *civitas igaeditanorum*, identificando 2 indivíduos, um homem e uma mulher, em ambiente que caracterizamos como marcadamente indígena<sup>65</sup> e na área abrangida pelo antigo *conventus pacensis*, onde se conhecem pelo menos 8 casos da sua utilização por indivíduos de ambos os sexos em ambiente servil<sup>66</sup>, em contextos indígenas<sup>67</sup> e entre indivíduos de origem itálica ou perfeitamente romanizados<sup>68</sup>, com a particularidade de as mulheres surgirem sempre identificadas pelo sistema de *duo nomina* (*Antestia Prisca*, *Cecia Prisca*, *Maria Prisca*, *Pompeia Prisca* e *Stelina Prisca*).

O uso deste cognome conheceu uma considerável popularidade quer entre os estratos sociais mais baixos, quer entre as elites. Não surpreende por isso a sua frequente utilização por mulheres de famílias senatoriais, com particular incidência no período entre Trajano e Septímio Severo<sup>69</sup>.

Atendendo à tipologia e características do monumento epigráfico, ao facto de a legenda estar colada à parte superior do mesmo e à forma acanhada e concentrada como é distribuída a legenda da terceira linha, entrevemos a possibilidade de o texto se prolongar para uma quarta ou mesmo para uma quinta linha, à semelhança do verificado no epitáfio funerário de *Sulpicia Helena* no qual, após as fórmulas H.S.E. e S.T.T.L. (que muito frequentemente encerram as dedicatórias funerárias, e que curiosamente

---

<sup>62</sup> Kajanto 1965: 29-30.

<sup>63</sup> CIL II 371 = ILER 4257 = *Fouilles* II 31, 58-59.

<sup>64</sup> Para uma perspetiva sobre a sua difusão na Hispânia, cf. ILER: 736.

<sup>65</sup> Sá 2007, 128, n.º 175 = ILER 4855; Sá 2007: 144, n.º 201 = ILER 3475.

<sup>66</sup> IRCP 261?

<sup>67</sup> IRCP 231; IRCP 487; FE 105.

<sup>68</sup> IRCP 391; IRCP 484; Encarnação 1995: 405-408; FE 673.

<sup>69</sup> Nuorluoto 2021: 280.

não são nada habituais em Conimbriga<sup>70</sup>) surge, de forma pouco comum, o nome da dedicante e os laços familiares com a defunta<sup>71</sup>.

Considerando alguns detalhes paleográficos do epitáfio de Prisca, nomeadamente a grafia dos S, revelam alguma afinidade com a inscrição aos Lares Lubancos<sup>72</sup>, uma das mais antigas de Conimbriga e atendendo ao estilo arcaico deste tipo de monumento, para o qual Edmondson<sup>73</sup> propõe uma cronologia entre o início do último quartel do séc. I a.C. e o final do primeiro quartel do séc. I d.C., poder-se-ia sugerir para este monumento uma cronologia situada entre inícios e meados do séc. I d.C., mas a presença da invocação *Diis Manibus* indica uma data ligeiramente mais tardia, ainda que sempre dentro do séc. I.

### 2021.RTMC.A.ep3 – Ara funerária.



Fig. 9 – Ara funerária (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

<sup>70</sup> Para além da inscrição de Sulpícia Helena a que já fizemos alusão, a fórmula *sit tibi terra levis*, foi apenas identificada em mais quatro inscrições funerárias de Conimbriga: *Fouilles* II 32, 36, 46 e W 56. A maior parte dos epitáfios conimbrigenses termina com as expressões *posuit* e *ponendum/faciendum* e *curavit/curaverunt*, também atestada no epitáfio de *Urtienicus Primigenius* igualmente aqui publicado.

<sup>71</sup> *Fouilles* II 66 = CIL II 388.

<sup>72</sup> *Fouilles* II 11.

<sup>73</sup> Edmondson 2006: 88, n.º 47-48.

## Dimensões

300x390mm, 740mm de altura.

Formada por um plinto (125mm); base com listel, escócia e filete (45mm); e fuste coroadado por cornija com filete, escócia reversa e listel (50mm), suportando um filete mais largo, com 20mm. Sobre este, um frontão triangular entre *pulvini* cilíndricos, lisos.

O fuste mede 210x270x410mm, correspondendo o campo epigráfico, liso, a uma face com 270x410mm.

Inscrição em quatro linhas. Altura das letras 45mm (50mm na l. 4). Espaços interlineares 20mm (l.3-4 25mm).

Paginação centrada, ocupando regularmente o campo epigráfico (apenas a última letra da linha 3 ligeiramente descentrada); espaço superior 40mm, inferior 120mm.

## Inscrição:

VRTIENICO / PRIMIGENIO / RVFVS.F(ilius) / F(aciendum) C(uravit)

## Tradução:

A Urtiénico Primigénio, o filho Rufo, mandou fazer.

## Comentário

A fórmula *f(aciendum) c(uravit)* é o remate mais comum das inscrições funerárias em Conimbriga<sup>74</sup>. A sucinta identificação do dedicante (é a sétima atestação de *Rufus* em Conimbriga<sup>75</sup>), que constitui, com a fórmula, o total das informações adicionadas à identificação do defunto, confere à inscrição um surpreendente laconismo.

A onomástica do defunto é *sui generis* e constitui o principal motivo de interesse desta inscrição<sup>76</sup>.

<sup>74</sup> Etienne et al. 1976: 230, *index compendia scripturae*, s.v..

<sup>75</sup> op. laud.: 227, *cognomina virorum et mulierum* e Garcia 1987: 48, nº1.

<sup>76</sup> Agradecemos as informações que o nosso colega António Faria generosamente partilhou connosco.

Urtiénico é um hápax, sem paralelo na onomástica romana. Os paralelos mais próximos são *Vrtinus*<sup>77</sup> e *Vrienus*, que nomeia um dedicante de uma inscrição funerária localizada na Andaluzia, celebrando um defunto identificado como *Limicus*<sup>78</sup>, e o patronímico de uma defunta celebrada por uma inscrição de Coria<sup>79</sup>, na qual toda a antroponímia é de cariz indígena.

*Vrtus*<sup>80</sup> e *Vrte*<sup>81</sup> são inseguros por várias razões, mas o radical do antropónimo ocorre outras vezes em âmbito lusitano: *Vrtialia*<sup>82</sup>, *Peilurta*<sup>83</sup> e *Peidurta*<sup>84</sup>.

Fora do âmbito lusitano ou do quadrante noroeste da Península Ibérica, as ocorrências comparáveis são escassas. CIL V 2263 regista *Vrtia*<sup>85</sup> e *Vrtius* surge em marcas de ânfora da Gália<sup>86</sup>.

Urtiénico deve ser, portanto, classificado como um nome lusitano pertencente a uma família de nomes escassamente representada<sup>87</sup>.

O sufixo em -ico poderia, noutra contexto, interpretar-se como uma designação de uma unidade familiar formada sobre um antropónimo<sup>88</sup> mas, neste caso específico, o que se verifica é que uma possível designação da unidade familiar é usada como nome pessoal, talvez segundo o mecanismo dos “nomes hereditários” que M. González<sup>89</sup> identificou na área celtibérica.

*Primigenius* é um nome latino comum, que se documenta pela primeira vez em Conimbriga, mas que se vem adicionar a *Primus*, a *Primitivus* e a duas *Priscae*<sup>90</sup>, na documentação de uma evidente preocupação social com a precedência dos indivíduos.

Apesar de, tradicionalmente, a identificação do defunto com *duo nomina* e o uso do dativo sugerirem uma datação no séc. II d.C., a ausência

<sup>77</sup> CIL II 5556 = EDCS 05600742

<sup>78</sup> EDCS 14700303 = HEpOL 7754; González Fernández 1991, nº 24, lê *Urtienus*.

<sup>79</sup> EDCS 15700068 = HEpOL 23295, mas com dúvidas estabelecidas por diversas versões recolhidas nas distintas bases de dados e publicações; cf. Vallejo 2005: 480.

<sup>80</sup> CIL II 3161 = HEpOL 9512.

<sup>81</sup> HEpOL 20880.

<sup>82</sup> HEpOL 12981.

<sup>83</sup> HEpOL 20736.

<sup>84</sup> HEpOL 24963; cf. Vallejo op. laud.: 367-368.

<sup>85</sup> De Altinum, Veneza. = EDCS 04201317.

<sup>86</sup> CIL XII 5683, 316b = EDCS 54700093/4.

<sup>87</sup> Radical em Ur-, Vallejo op. laud.: 459-461.

<sup>88</sup> Luján 2016: 235-236.

<sup>89</sup> González 1986: 61-62; Luján op. laud.: 233.

<sup>90</sup> *Fouilles* II 296, 72 e 31 e outra no presente artigo, respetivamente.

de invocação dos Manes e a peculiaridade do nome não permite descartar uma datação do séc. I.

A combinação de um nome de raiz indígena com as características identificadas com um cognome romano com a referida carga ideológica, evoca os mecanismos de promoção social (efetiva, só percebida ou apenas projetada ao nível das intenções) que se manifestaram, por exemplo, na dedicatória a (*Mars?*) *Neto*<sup>91</sup>, por dois indivíduos que, usando nomes romanos (*Valerius, Turranius*), se identificam pela sua *origo* e pela sua *gentilitas* (*de vico Baedoro, gentis Pinto(num)*) e o laconismo da inscrição que se observou só pode ser explicado, no que apenas superficialmente pode ser considerado um paradoxo, pela própria posição social de notoriedade de que o defunto gozaria.

### 3.2 Elementos arquitetónicos



Fig. 10 – Fragmentos de pilastra decorada (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

<sup>91</sup> *Fouilles* II 15 = CIL II 365.

**2020.RTMC.A.arq1 – Fragmento de pilastra.**

Fragmento de uma pilastra em pedra de Ançã com 35mm de espessura, mostrando uma faixa esculpida de 80mm de largura, ladeada por uma moldura em escócia com 32mm.

Conjunto de folhas esculpidas, dispostas em coroa encaixada na inferior.

**2020.RTMC.A.arq2 – Fragmento de pilastra.**

Fragmento de uma pilastra em pedra de Ançã com 35mm de espessura, mostrando uma faixa esculpida, ladeada por uma moldura em escócia com 32mm e um listel liso de 25mm de largura, formando o bordo da peça.

Vestígios de um elemento não identificável, em relevo.

**Inventário A 291 (Escavações Antigas) – Fragmento de pilastra.**

Fragmento de uma pilastra em pedra de Ançã com 35mm de espessura, mostrando uma faixa esculpida de 80mm de largura.

Vasos troncocónicos encaixados.

**Comentário aos fragmentos de pilastra**

O fragmento recolhido nas Escavações Antigas (sem indicações mais precisas que a sua proveniência de Conimbriga) pertence indiscutivelmente à mesma peça que o fragmento arq.1 e permite identificar o motivo vestigial no arq.2. Tratar-se-ia de uma composição de candelabro vegetal, do tipo comum na pintura parietal.

**2020.RTMC.A.arq3 – Coroamento de monumento funerário**



Fig. 11 – Coroamento de monumento funerário, vista frontal (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).



Fig. 12 – Coroamento de monumento funerário, pormenor superior de um *pulvinus* (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

Coroamento de monumento constituído por um bloco de calcário com 570x480x380mm. O coroamento é composto por um paralelepípedo liso de 25cm de altura e por uma parte decorada, formada por dois *pulvini* cilíndricos de 130mm de diâmetro, tratado como um feixe de folhas de loureiro, com um *balteus* formado por duas cordas de enrolamentos simétricos, separadas por um filete triangular e rematadas por rosetas hexafólias, rodeando um frontão triangular com 285x10mm, decorado por uma roseta hexafólia inscrita num círculo em ligeiro baixo-relevo, ligeiramente diferente das laterais.

**2020.RTMC.A.arq4 – Coroamento de monumento funerário (identificada mas não retirada).**



Fig. 13 – Coroamento de monumento funerário, vista lateral evidenciando o *pulvinus* (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

Semelhante ao anterior, mas identificando-se apenas a decoração lateral de um *pulvinus*. As dimensões observáveis são 325x280mm. O *pulvinus*, com 120mm de diâmetro é tratado em molduras geométricas: o *balteus* é constituído por duas cordas de 20mm cada, com os enrolamentos simétricos.

S/refª, S/nº Inv. (Esc Antigas) A – Coroamento de monumento funerário



Fig. 14 – Coroamento de monumento funerário, vista superior (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).



Fig. 15 – Coroamento de monumento funerário, pormenor lateral de um *pulvinus* (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

Coroamento de monumento constituído por um bloco de calcário com 620x520x310mm. O coroamento é composto por um paralelepípedo liso de 11cm de altura e por uma parte decorada, formada por dois *pulvini* cilíndricos de 220mm de diâmetro, tratado como um feixe de folhas estilizadas, retilíneas e angulosas, com um *balteus* formado por duas cordas de enrolamentos simétricos com 6 cm de largura. O frontão triangular mostra-se muito afetado pelos cortes que o bloco sofreu posteriormente, mas apresenta ainda os vestígios de um encaixe superior, que não é certo pertencer à peça original ou ser resto de um dispositivo de elevação contemporâneo da sua reutilização. Esta reutilização destruiu toda a face frontal do coroamento e deixou a peça coberta por restos de argamassa de cal.

**S/ref<sup>a</sup>, S/n<sup>o</sup> Inv. (Esc Antigas) B – Base de monumento**



Fig. 16 – Base de monumento (Foto Arquivo MMC-MN/DGPC).

Base retangular de um monumento com 48 x 61 cm, constituída por um plinto com 12 cm de altura coroado por uma escócia entre filetes e uma escócia reversa menor, o que lhe confere uma altura total de 22 cm. A superfície superior, com 30x44 cm é marcada por uma linha gravada paralela aos bordos a 1,5 cm de distância e pelos vestígios de dois chumbadouros, centrados, a 32 cm de distância entre si. A face inferior é também marcada por dua linhas perpendiculares, medianas, que se destacam na superfície grosseiramente regularizada com cinzel denticulado. Estes dispositivos destinavam-se (linhas, chumbadouros) certamente à colocação correta e sólida dos restantes elementos do monumento funerário.

**Comentário aos elementos de monumentos funerários**

Estas peças, para as quais não existem muitos paralelos, estão desde há muito representadas na bibliografia por um exemplar proveniente das escavações antigas de Conimbriga, que integra a exposição permanente do Museu Monográfico desde 1984<sup>92</sup>. Mas na realidade a sua classificação é problemática (“Cabeça de ara funerária”).

<sup>92</sup> Inv. n<sup>o</sup> A 85; Correia 2021: 198, n<sup>o</sup> 24.30.

Na verdade, as novas peças e o reexame de outras permitem propor uma nova classificação, mais precisa (mas nem por isso mais facilmente enquadrável na arquitetura funerária de época romana)<sup>93</sup>.

Trata-se de blocos superiores de monumentos funerários em forma de altar<sup>94</sup>, coroados por *pulvini* e frontão, de que o elemento característico é a ausência de um entablamento de suporte destes elementos, que assentam diretamente sobre o plinto/fuste, que incorporam parcialmente.

Estes monumentos devem ser examinados em três aspetos distintos, para o que as peças em apreço contribuem com distintas evidências: a sua conformação geral; a presença, posição e relevância da inscrição neles presente; a forma concreta de construção dos monumentos, tal como se pode deduzir dos seus elementos constitutivos.

Quanto à conformação geral, monumentos deste tipo, volumes paralelepípedicos decorados por *pulvini*, mas sem entablamento ou frontão, são conhecidos na Península Ibérica<sup>95</sup>.

Registe-se também que a inscrição FE 620 mostra precisamente um frontão rodeado por *pulvini* coroando o campo epigráfico moldurado, sem entablamento a dividir campo epigráfico e coroamento (como mais canonicamente se esperaria).

Esta questão é importante, pois pode julgar-se que alguns pequenos monumentos epigráficos mais não são que uma versão miniatural de outros monumentos funerários, construídos em módulos superiores.

A título de exemplo desta última hipótese, a ara *Fouilles* II 36 mostra um coroamento paralelepípedico, que não é absolutamente claro que tivesse um verdadeiro entablamento (apenas dois sulcos horizontais se representam) que pode talvez ser considerado uma representação miniatural de outra disposição de peças idênticas a estes coroamentos, colocados sobre uma ara propriamente dita, com um resultado especialmente deselegante.

Este ponto conduz à segunda questão, a da posição e proporção da eventual epígrafe no conjunto do monumento.

A citada inscrição FE 620 representa um dos extremos das possibilidades, em que o campo epigráfico ocupa a totalidade do monumento sob o frontão e os *pulvini*; no outro extremo poderiam estar os casos de monumentos em que o volume paralelepípedico fosse eventualmente desprovido de

---

<sup>93</sup> Cf. Hesberg 1992, *passim*.

<sup>94</sup> Ginouvés 1998: 63-64.

<sup>95</sup> Hesberg 1993: 164, fig. 80a; Gros 2001: 395, fig. 454a.

inscrição, ou que ela fosse pintada, tendo-se perdido. Entre estes extremos, toda e qualquer extensão, disposição ou ornamentação da epígrafe, inscrita na face principal do monumento, abaixo do frontão, seria possível.

Já anteriormente foram referidos, a propósito de FE 704, monumentos funerários construídos pela justaposição de blocos esculpidos e/ou epigrafados em Conimbriga e junta-se aqui outra evidência destes processos. Na ausência de restos conservados *in situ* destes monumentos, e reduzidos portanto a imaginar as formas originais através dos elementos sobreviventes isolados (designadamente provenientes da muralha baixo-imperial) a reconstituição das volumetrias é praticamente impossível.

E este constitui o terceiro ponto da discussão: a forma concreta como os vários blocos, decorados, epigrafados e meramente estruturais eram colocados na construção do monumento.

As diferenças de tratamento e dimensão, absoluta e relativa, do lanço inferior paralelepípedo de alguns destes blocos, abona desde logo em favor de uma multiplicidade de morfologias dos monumentos, que só com evidência direta deles (só referida para o caso de *Olisippo*<sup>96</sup>) se poderá um dia apreciar.

## Conclusões

Os monumentos agora publicados vêm enriquecer o dossiê epigráfico de Conimbriga nalguns elementos significativos. Temos a primeira dedicatória imperial num monumento de época neroniana, possivelmente o anfiteatro, e esse é um dado muito importante, mesmo que a escassez do testemunho não deixe elaborar mais sobre ele. E temos mais duas inscrições funerárias, uma delas com um defunto cuja onomástica é, pelo menos, surpreendente.

Mas, de alguma forma, o dossiê epigráfico enriquece-se também com novas evidências sobre a problemática da construção dos monumentos funerários, na sua dimensão morfológica, não tecnicamente epigráfica, mas nem por isso menos importante.

Todavia, parece incontestável que o elemento mais significativo é o facto de a recolha, em condições de controlo e registo dos achados segundo metodologias atualizadas, de todos estes elementos nos levar a afrontar de novo a questão essencial dos *spolia* nestes monumentos tardo-romanos que

---

<sup>96</sup> Leitão et al. 2020: 775.

são as muralhas urbanas. E é de salientar que esta questão deve ser analisada segundo uma ótica ideológica, e religiosa até, que muito beneficia pela junção de novos dados à discussão, sobretudo os recolhidos em situações congêneres com a atual de Conimbriga, que são insofismáveis quanto ao seu contexto e natureza.

Neste sentido, os trabalhos levados a cabo na muralha baixo-imperial de Conimbriga em 2020-2021, na medida em que colocaram em estreita colaboração uma entidade museológica com uma empresa de prestação comercial de serviços técnicos de arqueologia, servem também para ilustrar uma metodologia com futuro.

## 4 Referências

### 4.1 Abreviaturas

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*

DAGR = *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* (Daremberg e Saglio 1873-1915)

EDCS = Epigraphic-Datenbank Clauss/Slaby (<https://db.edcs.eu/epigr>)

FE = *Ficheiro epigráfico* (Suplemento de *Conimbriga* – Revista de Arqueologia, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

*Fouilles II – Fouilles de Conimbriga* vol. II (Etienne et al. 1976)

Hep = *Hispania Epigraphica* (Periódico do Archivo Epigráfico de Hispania da Universidad Complutense de Madrid)

HEpOL = Hispania epigráfica on-line (<http://eda-bea.es/>)

ILS = *Inscriptiones Latinae Selectae* (Dessau 1974)

ILER = *Inscriptiones Latinas de la Hispania Romana* (Vives 1972)

IRCP = *Inscrições romanas do conventus pacensis* (Encarnação 1984)

## Bibliografia

- Azkarate, A. Garai-Olaum (2009), “La Arqueología de la Arquitectura en el siglo XXI”. *Arqueologia de la Arquitectura* 5, 11-13. <https://doi.org/10.3989/arqu.arqt.2008.86>
- Baptista, R. F. G. (2014), *A basílica e a curia do fórum romano de Conimbriga. Resultados das campanhas de 2001 e 2004* (Diss. Mestrado). Coimbra: Faculdade de Letras.
- Blázquez Martínez, J. M. (1999), “El emperador Nero en Hispania”, in J.-M. Croisille, R. Martin e Y. Perrin (eds.), *Neronia V. Néron: histoire et légende*, Actes du Ve Colloque international de la SIEN, Bruxelas, 1999, 89-104.
- Brandão, D. P. (1972), “Epigrafia romana coliponense”, *Conimbriga* 11, 41-192.
- Caballero Zoreda, L. (2010), “Experiencia metodologica en la Arquitectura de un grupo de investigación”, in *Arqueología aplicada al estudio e interpretación de edificios históricos*. Madrid: Ministerio de Cultura, 103-120.
- Carvalho, R. (1987), “Ara achada em Nisa”. *Ficheiro Epigráfico* 23, nº 105.
- Correia, V. (1935), *Conimbriga. Notícia do ‘oppidum’ e das escavações nele realizadas*. Coimbra: Tip. Gráfica de Coimbra.
- Correia, V. (1941), “Las mas recientes excavaciones romanas de interes en Portugal. La ciudad de Conimbriga”. *Archivo Español de Arqueologia* nº 43, 257-267.
- Correia, V. H. (2019), “Uma inscrição de Conimbriga revisitada”. *Ficheiro Epigráfico* 189, 704.
- Correia, V. H., ed. (2021, 3ª ed.), *Coleções do Museu Monográfico de Conimbriga*. Lisboa: DGPC/Bluebook.
- Correia, Virgílio Hipólito (2019), “Uma inscrição de Conimbriga revisitada”. *Ficheiro Epigráfico* 189, 704.
- Daremberg, Ch. e Saglio, E. (dirs.) (1873-1915), *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Lib. Hachette.
- De Man, A. (2011), *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Mérida: MNAR (*Studia Lusitana* 6).
- Dessau, H. (1974 rep. [1892-1916]), *Inscriptiones Latinae Selectae*. Berlim: Apud Weidmannos. = ILS
- DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1948), *Ruínas de Conimbriga*. Lisboa: MOP (Boletim Monumentos 52-53).
- Edmondson, J. (2006), *Granite funerary stelae from Augusta Emerita*. Mérida: MNAR (*Monografias emeritenses* 9).

- Encarnação, J. d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus pacensis*. Coimbra: Inst. Arqueologia Fac. Letras.
- Encarnação, J. d' (1995), "Apostilas epigráficas-2". *Biblos*, 71, 405-408.
- Encarnação, J. d' e Feio, J. (2018), "Neritus servus Romae decessit". *Ficheiro Epigráfico* 178, nº 673.
- Etienne, R., Fabre, G., Lévêque, P. e Lévêque, M. (1976), *Fouilles de Conimbriga II, Epigraphie et sculpture*. Paris: M.A.F.P./M.M.C.
- Fernandes, L. S. (2005), "C. Heius Primus, augustalis perpetuus. Teatro e encenação do poder em Olisipo". *Mathésis* 14, 29-40.
- Garcia, José Manuel (1987), "Da epigrafia votiva de Conimbriga. Observações e novos monumentos". *Conimbriga* 26, 39-59.
- Ginouvés, René (1988), *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine* vol. III. Roma/Atenas: Escuelas Francesas (CEFRA 84).
- Gonçalves, L. J. R. (2007), *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. Mérida: MNAR (*Studia Lusitana* 2).
- González Fernández, J. (1991), *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía. Vol. I – Huelva*. Sevilla: Dirección General de Bienes Culturales.
- González Rodríguez, M<sup>a</sup> Cruz (1986), *Las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea de Hispania*. Vitoria Gasteiz: UPV (Anejos de *Veleia* s. maior 2).
- Gros, Pierre (2001), *L'architecture romaine* vol. 2. Paris: Picard.
- Harris, Edward C. (1989), *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres: Academic Press.
- Hesberg, H. v. (1992), *Römische Grabbauten*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Hesberg, H. v. (1993), "Römische grabbauten in den hispanischen provinzen" in W. Trillmich, Th. Hauschild, M. Blech, H. G. Niemeyer, A. Nünerich-Asmus und U. Kreilinger (hsg.) *Hispania Antiqua. Denkmäler der Romerzeit*. Mainz: Ph. V. Zabern, 159-181.
- Hollard, D., Le Brazidec, M.-L. e Gendre, P. (2015), Plombs monétiformes gaulois et gallo-romains de Vendeuil-Caply (Oise). *Cahiers Numismatiques* 203, 27-44.
- Kajanto, I. (1965), *The Latin Cognomina*. Helsínquia: Keskuskirjapaino (*Societas Scientiarum Fennica, Commentationes Humanarum Litterarum*, xxxvi. 2).
- Koppel, E. M. (2000), "Retratos de Tiberio y Nero Caesar em Tarragona", in P. León Alonso e T. Nogales Basarrate (coords.) *Actas de la III Reunión sobre escultura romana en Hispania*. Madrid: MECD, 81-91.
- Krueger, P. (1877), *Codex Justinianus*. Berlim: Apud Weidmannos.

- Leitão, M., Fernandes L. e Filipe, V. (2020), “Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de *spolia* na antiguidade tardia: o exemplo do troço de muralha da casa dos bicos (Lisboa, Portugal)”, in P. Mateos Cruz e C. J. Morán Sánchez (eds.) *Exemplum et spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. Mérida: Inst. Arqueología M. (MYTRA 7), II 769-778.
- Mateos Cruz, P. e Pizzo, A. (2020), “La reutilización de materiales en la muralla tardoantigua de Augusta Emerita”, in P. Mateos Cruz e C.J. Morán Sánchez (eds.) *Exemplum et spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. Mérida: Inst. Arqueología M. (MYTRA 7), I 55-64.
- Martins, D. (2022), *Contributo para o conhecimento da pintura mural romana de Conimbriga: A Casa do tridente e da espada e a sala A do Edifício do sector G XVII* (Diss. Mest.). Lisboa: Fac. de Letras. <http://hdl.handle.net/10400.26/44614>
- Nuorluoto, T. (2021), *Roman Female Cognomina. Studies in the Nomenclature of Roman Women*, (Diss. Doutoramento). Uppsala: Universidade.
- Oleiro, J. M. B. (1992), *Conimbriga. Casa dos Repuxos*. Conimbriga: MMC (Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal 1).
- Piel, J.-M. (1947), “Uma inscrição de Conimbriga”. *Humanitas* 1, 130-132. [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas01/10\\_miscelanea.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas01/10_miscelanea.pdf)
- Puerta Torres, C. (1995), *Los miliarios de la Vía de la Plata* (Diss. Doutoramento). Madrid: Universidade Complutense.
- Rámirez Sádaba, J. L. (2003), *Catálogo de las inscripciones imperiales de Augusta Emerita*. Mérida: MNAR (Cuadernos Emeritenses 21).
- Redentor, A., Cristóvão, J. Carvalho, P. C., Dias, P. e Silva, C. R. (2022), “A valorização patrimonial das inscrições romanas de Idanha-a-Velha”, in Javier Andreu Pintado, Armando Redentor e Elena Alguacil Villanúa (eds.), *Valete vos viatores: Travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 307-354.
- Redentor, A., e Pessoa, P. (2017), “Fragmento de altar funerário de Conimbriga relativo a indivíduo pertencente à gens Antonia”. *Ficheiro Epigráfico* 156, 620.
- Reis, M. P. M. (2014), *De Lusitaniae urbium balneis. Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Coimbra: Fac. de Letras (Diss. Dout.). <http://hdl.handle.net/10316/27119>
- Roquinho, P. e Correia, V. H. (2021), “Um contexto arqueológico identificado na muralha baixo-imperial de Conimbriga. Apêndice a Ruivo, J.; Correia, V. H.; De

- Man, A. – A cronologia da muralha baixo-imperial de Conimbriga”, in J. Ruivo e V. H. Correia (eds.) *Conimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade (Humanitas Supplementum), 25-33. [https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4\\_1](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4_1)
- Roquinho, P. e Correia, V. H. (2023), *Alargamento do complexo arqueológico de Conimbriga. Restauro de troços de muralha — Setores A B C. Acompanhamento arqueológico — relatório final*. (Relatório PNTA policopiado). Coimbra: Pedro Roquinho, Serviços de Arqueologia Lda. <http://hdl.handle.net/10400.26/45369>
- Rostovtzeff, M. (1897-1899), “Étude sur les plombs antiques”, *Revue Numismatique*, 4<sup>a</sup> s., 1897: t. 1, 462-493; 1898: t. 2, 77-102, 251-286 e 457-477; 1899: t. 3, 22-61.
- Rowan, C. (2019), “Lead token moulds from Rome and Ostia”, in A. Crisà, M. Gkikaki, e C. Rowan (eds.), *Tokens. Culture, Connections, Communities*, Londres: Royal Numismatic Society (Special Publication 57), 95-110.
- Rowan, C. (2020), “Les tessères romaines en plomb de la BnF”, in *L’Antiquité à la BnF*, (<https://antiquitebnf.hypotheses.org/11006>, [consultado em 23/03/2023]).
- Ruivo, J., Correia, V. H., De Man, A. e Reis, M. P. (2017), “O anfiteatro de Conimbriga (Coimbra, Portugal): balanço da recente investigação”, in C. Soares, J. L. Brandão, e P. Carvalho (coords.) *História Antiga: relações interdisciplinares; paisagens urbanas, rurais e sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 75-95.
- Sá, A. M. (2007), *Civitas igaeditanorum: os deuses e os homens*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.
- Sánchez Ramos, I. e Morín de Pablos, J. (2020), “Que fué de la civitas igaeditanorum? La reutilización del material romano para la construcción de la nueva ciudad tardía y episcopal (Idanha-a-Velha, Portugal)”, in Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J. (eds.) *Exemplum et spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. Mérida: Inst. Arqueología M. (MYTRA 7), I 315-326.
- Souza, V. (1990), *Corpus Signorum Imperii Romani*. Portugal. Coimbra: Inst. de Arqueologia da Fac. de Letras.
- Trillmich, W. (1982), “Ein Kopffragment in Merida und die Bildnisse der Agrippina Minor aus den Hispanischen Provinzen”, in *Homenaje a Saenz de Buruaga*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valencia, 109-126.
- Vallejo Ruiz, J. M. (2005), *Antroponímia indígena de la Lusitania Romana*. Vitoria Gasteitz: UPV (Anejos de *Veleia* s. minor 23).
- Van Berchen, D. (1936), “Tessères ou calculi? Essai d’interprétation des jetons romains en plomb.” *Revue Numismatique*, 297-315.

- Varner, E. R. (2001), “Portraits, plots and politics: «damnatio memoriae» and the images of imperial women”. *Memoirs of the American Academy in Rome* 46, 41-93.
- Vieira, F. (2020), “Nuevos datos en relación al fenómeno de los *spolia* en la muralla tardía de la ciudad de Évora”, in P. Mateos Cruz e C. J. Morán Sánchez (eds.) *Exemplum et spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*. Mérida: Inst. Arqueología M. (*MYTRA* 7), I 215-220.
- Virlouvet, C. (1988), “Plombs romains monétiiformes et tessères frumentaires. À propôs d’une confusion”, *Revue Numismatique*, 120-148.
- Vives, J. (1972), *Inscriptiones Latinas de la Hispania Romana*. Barcelona: CSIC/ Universidad.

